



E

ENTREVISTA

«A voz do público de Almada está sempre presente nas nossas escolhas»

RODRIGO FRANCISCO

Entrou para a Companhia de Teatro de Almada porque «precisava de dinheiro para ir de férias», mas nunca mais saiu. Em 2012, assumiu a direção artística da Companhia de Teatro de Almada e do Teatro Municipal Joaquim Benite. Aos 34 anos, Rodrigo Francisco é o jovem diretor de uma das históricas e mais conceituadas companhias do País.

«DAR ESPAÇO À IMAGINAÇÃO»

A programação para 2016 do TMJB foi apresentada em janeiro. O que podemos esperar?

Espero que este conjunto de espetáculos possa dar espaço à imaginação. São palavras que repesco de uma entrevista de Claude Regy, um encenador que vai estar aqui em maio. Infelizmente, hoje em dia, não damos muito espaço à imaginação nas nossas vidas. E o teatro pode ser ainda o último reduto para a imaginação, essa ferramenta do pensamento que nos distingue dos animais.

A temporada de 2016 pode ser comparada com as anteriores?

Elas são sempre comparáveis. Não é ainda a temporada que este teatro municipal deveria ter, porque ainda não é possível trabalhar com o mesmo orçamento que já existiu em anos anteriores. Como o Teatro Municipal Joaquim Benite, durante o Festival, acolhe tantos espetáculos, vindos de tantos sítios e com uma qualidade tão grande, essa dimensão internacional faz elevar bastante a fasquia – que, ao longo do ano, deveria ser mantida.

Há mais peças para a infância e as oficinas de tempos livres vão também ser reforçadas?

O público vinha-nos sugerindo mais espetáculos para a infância. Este ano, para além das nossas produções, convidámos bastantes grupos, essencialmente de fora da Grande Lisboa, para ter, praticamente de 15 em 15 dias, um espetáculo para a infância.

Esta é uma opção faz parte da estratégia da Companhia de Teatro de Almada (CTA) de formar um público?

Essa estratégia começou logo no final dos anos 70, quando a CTA se instalou em Almada. E nós temos a noção de que esse trabalho tem de ser feito ao longo de toda a nossa existência. Ou seja, estas novas gerações, se não forem habituadas a ter um contacto com o teatro desde muito cedo, dificilmente se vão interessar pelo que se passa aqui dentro, o que, para mim, terá um efeito muito nefasto. Se os almadenses não perceberem, desde pequenos, que este espaço é deles, vão passar à porta deste edifício, tão imponente, e achar que o teatro é uma coisa para pessoas ou muito cultas, ou muito ricas ou muito mais velhas. Este teatro é para os almadenses e eles devem habituar-se a frequentá-lo.

Em julho, regressa o Festival de Teatro de Almada. Já é possível levantar o véu sobre o que vai acontecer nesta 33.ª edição?

Ainda não. A única coisa que podemos dizer é que o espetáculo de honra já está encontrado... *É Um museu vivo de memórias pequenas e esquecidas*, de Joana Craveiro. Ter um público que escolhe, como o espetáculo para voltar no ano seguinte, um monólogo de cinco horas e meia, que fala sobre as memórias do 25 de Abril, deixa-me bastante satisfeito. Este não é um público que procura a facilidade, nem o divertimento ou o entretenimento. É um público que procura a reflexão.



Rodrigo Francisco durante a apresentação da temporada 2016 do Teatro Municipal Joaquim Benite | © Rui Carlos Mateus

Como é que se planeia um festival desta dimensão?

Com bastante antecedência. Em janeiro, os principais espetáculos da edição 2016 já estavam alinhavados e alguns já para 2017. Por exemplo, a peça *A menina Júlia*, apresentada na última edição do Festival, pela Schaubühne (Berlim), era um espetáculo que já tentávamos trazer há uns 4 ou 5 anos. Planear um Festival como o de Almada é um trabalho que se faz continuamente.

É um planeamento coletivo?

É e não é só dentro da própria Companhia... envolve também o público. Uma das principais coisas que me foi transmitida pelo Joaquim Benite foi sentir, ouvir e saber as alturas em que é preciso provocar o público, com uma coisa inesperada. Programar é um tango a dois. Aquilo que caracteriza o trabalho de uma companhia ou de um criador, do meu ponto de vista, é a relação que desenvolve com o seu público. A voz do público de Almada está sempre presente nas nossas escolhas.

O público é realmente importante?

Eu consigo imaginar um espetáculo de teatro

sem cenários, figurinos... até já há quem faça teatro sem atores, só com uns hologramas – mas sem público é que nunca vi fazer teatro. O trabalho de uma companhia define-se pelo público que a constitui, ou seja, o público é parte integrante da própria companhia.

A CÂMARA DE ALMADA É UM EXEMPLO RARO NO PAÍS

Importantes têm sido também os apoios financeiros da Câmara Municipal de Almada?

É uma relação de parceria que existe quase desde a chegada da CTA a Almada. O Festival de Teatro é, desde a sua 1.^a edição, uma organização conjunta. A Câmara de Almada é um exemplo, não único, mas raro no País, no que diz respeito ao investimento na Cultura.

É verdade que a relação do Rodrigo Francisco com a CTA começou com um pedido de emprego



Rodrigo Francisco no ensaio da peça *O Timão de Atenas*, em 2012, com o ator Luís Vicente | © Rui Carlos Mateus

na fase final da vida, porque até ao fim foi um homem que manteve uma grande lucidez e uma grande capacidade de trabalho.

Existe um trabalho de continuidade, e há valores que se mantêm: o respeito pelo público, o amor pela arte, pela honestidade intelectual, o prazer do pensamento... É este o legado que procuramos propagar.

O Rodrigo Francisco escreve, encena, dirige. Em qual destes papéis se sente mais à vontade?

Eu comecei por escrever... Houve duas peças minhas que o Joaquim Benite fez, mas não me sentiria à vontade a dirigir um texto escrito por mim. Ele dizia-me que todos os encenadores são escritores frustrados. De certa forma, encenar também é escrever, mas sem palavras: escrevemos com pessoas, que são os atores. Encenar um texto é interpretá-lo, pô-lo em cena – ou seja, é uma forma de escrita efémera, e talvez por isso mais pura.

Acho que dificilmente voltarei a escrever um texto de teatro, porque tenho a consciência de que é muito difícil e porque tenho um grande respeito por quem escreve bem para teatro.

E como é o Rodrigo Francisco enquanto encenador?

Essa pergunta devia ser feita aos atores. Eu tenho uma carreira curtíssima. O primeiro espetáculo que dirigi foi em 2011... Fiz 7 ou 8 espetáculos na vida, como encenador. A forma como aprendi a fazer teatro parte sempre de um texto, que escolho tendo em conta a relação com a comunidade em que vivo e a partir da minha forma de estar. Depois, tento na vida basear-me na criatividade dos atores para dar vida a esse texto.

É o diretor mais jovem de uma das companhias do País... deve ser uma grande responsabilidade?

Não me sinto nada jovem. Neste país, somos jovens até demasiado tarde. A idade não tem de ser nem um estatuto, nem um impedimento para o que quer que seja. O Joaquim Benite foi das pessoas mais jovens que eu conheci e era quase 40 anos mais velho que eu. A responsabilidade pode e deve surgir muito mais cedo nas nossas vidas.

A Tragédia Optimista, que esteve em cena em janeiro, com encenação do Rodrigo Francisco, falava do «converter as vontades individuais numa



A peça *Tuning*, com encenação de Joaquim Benite e autoria de Rodrigo Francisco, estreou em 2010

porque precisava de dinheiro para ir de férias com os amigos?

Estávamos em 1997 e eu nunca tinha entrado num teatro. Fui ao antigo teatro municipal (atual Teatro-Estúdio António Assunção) pedir emprego porque precisava de dinheiro para as férias. Fui contratado e participei na montagem do espetáculo *O Carteiro de Neruda* mas nunca assisti aos ensaios e nem sequer vi esse espetáculo. Em setembro ou outubro, estava eu a estudar na Escola Secundária Emídio Navarro e uma professora fez saber que íamos ver a peça *O Carteiro de Neruda* – e assim foi. Para mim aquele cenário, em cuja construção tinha participado, não passava de um estaleiro de obras... mas quando vejo a luz, o som, os atores – quando o espetáculo começou, tive um choque enorme. Foi aí que fui picado por esta coisa do teatro.

E nunca mais saiu?

Fui fazendo o meu percurso. Colaborei em pequenas montagens, apesar de ter muito pouco jeito para a parte técnica. À medida que fui estudando, o Joaquim Benite foi reparando que eu levava uns livros para os ensaios, e passou a

convidar-me para participar nas edições da CTA, até que, uma vez, desafiou-me para escrever uma peça, que eu escrevi e que ele estreou em 2007, já neste teatro em que estamos. E a partir daí passei a ser seu assistente de encenação.

E como foi trabalhar com o Joaquim Benite?

Para mim ainda é difícil falar sobre esse tema... É algo muito íntimo, porque não foi só uma pessoa que me ensinou uma profissão: foi alguém de quem fui amigo... O meu primeiro amigo a morrer.

Sucedeu ao Joaquim Benite em 2012. Como foi assumir, por inteiro, as responsabilidades?

A Companhia de Teatro de Almada é uma cooperativa, com uma direção – constituída por mim, pelo Carlos Galvão, pela Teresa Gafeira, e por mais outras pessoas, como a Maria Laita, o Alfredo Sobreira, o Paulo Mendes, o José Carlos Nascimento, e o Guilherme Frazão. O Joaquim Benite, como eu já escrevi, é «insubstituível», mas formou uma geração de pessoas que pudessem seguir o seu percurso. E isso é único... Ele preocupou-se em construir um projeto que lhe sobrevivesse. Declarou-mo abertamente, já



Rodrigo Francisco acompanhado pelo presidente da Câmara Municipal de Almada, Joaquim Benite, durante a abertura do 32.º Festival de Almada, em julho de 2015 | © Rui Carlos Mateus

vontade coletiva». Fazer teatro é também isso?

Construir um espetáculo é congregiar talentos individuais, dos atores mas também dos técnicos, dos figurinistas, dos cenógrafos, numa vontade coletiva. É isso que me atrai no teatro.

A Cultura voltou a ter direito a um Ministério.

Quais são as expectativas?

Para já estamos à espera do que é que esse Ministério vai fazer. Mas o que realmente importa nesta questão, e esta é a minha opinião, é aquilo que os dirigentes fazem. Se é para se gastar, como já aconteceu, 70% do orçamento com o funcionamento do próprio Ministério, então não vale a pena ter um Ministério da Cultura. Agora, se for para investir mais nas estruturas de criação e para que os cidadãos possam ter um acesso mais facilitado às artes, então aí vale a pena.

Nos seus tempos livres ou nas férias consegue desligar-se do teatro?

Não. Como o teatro para mim é literatura, é em agosto, quando estamos fechados, que procuro ler mais, trabalhar em traduções ou em dramaturgias... O trabalho de criação é

difícilmente mensurável. Se calhar a zona mais profícua para a criação de um espetáculo pode ser aquela em que estive a dormir, a sonhar. As férias são uma boa altura para ir absorvendo textos, autores que não conheço e outros que me vão sendo recomendados.

Para onde caminha a Companhia de Teatro de Almada?

Caminha para onde o seu público caminhar. Enquanto houver público vai haver companhia. Nesta altura, as pessoas que estão à frente da CTA são jovens, estão de boa saúde e existe vontade para continuar este caminho que foi iniciado no final da década de 70.

E o Rodrigo Francisco, vê-se a seguir esse caminho?

Eu nunca fui a uma entrevista para emprego, a não ser em 1997, com o Carlos Galvão, que agora é o director financeiro, quando entrei para a CTA. Nunca tive outra profissão que não esta não sei fazer mais nada e nunca me imaginei noutro sítio que não aqui... Mas também é aqui que me sinto bem.